

Proposta de uma Agenda de Pesquisa para a cobertura das Big Tech a partir das bases do Jornalismo Investigativo

Proposal for a research agenda for covering Big Tech based on the foundations of Investigative Journalism

Propuesta de una agenda de investigación para la cobertura de las Big Tech basada en los fundamentos del Periodismo de Investigación

Alexandro MOTA¹
Suzana BARBOSA²

Resumo

Este estudo bibliográfico e documental mapeia a produção do Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), de 2014 a 2024, para identificar convergências com os recentes estudos de cobertura jornalística da plataforma – fenômeno explicado pela alta dependência das *Big Tech*. *Platform Beat* tem potencial como área de cobertura especializada do jornalismo de vigilância, desafiando dependências estruturais e financeiras e certa tradição da reportagem investigativa no Brasil, que pode olhar para além do setor público, corrupção e crime. O levantamento debate a *Platform Beat* sob o ponto de vista dos aspectos conceituais, da experimentação de novos e interdisciplinares métodos digitais, da formação, regulação, fontes e diversidade.

Palavras-chave: *platform beat*. jornalismo de vigilância. jornalismo investigativo. abraji. agenda de pesquisa.

¹ Alexandro Mota é mestre e doutorando (bolsista Capes) pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. É pesquisador do GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line. E-mail: alexandro.ms@gmail.com. ORCID: 000-0003-2050-0750

² Suzana Barbosa é Professora Associada do Departamento de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM | UFBA). É líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL). É a atual coordenadora do Póscom | UFBA. E-mail: sobarbosa@ufba.br. ORCID: 0000-0003-3109-7637



Abstract

This bibliographic and documentary study maps the production of the Research Seminar in Investigative Journalism of the Brazilian Association of Investigative Journalism (Abraji), from 2014 to 2024, to identify convergences with recent studies of journalistic coverage of platformization – a phenomenon explained by society's high dependence on Big Tech. Platform Beat or coverage of platforms has potential as an area of specialized watchdog journalism, challenging structural and financial dependencies and a certain tradition of investigative reporting in Brazil, which can look beyond the public sector, corruption and crime. The research discusses Platform Beat from the point of view of conceptual aspects, the experimentation of new and interdisciplinary digital methods, training, regulation, sources, and diversity.

Keywords: platform beat. watchdog journalism. investigative journalism. abraji. scholarship.

Resumen

Este estudio bibliográfico y documental mapea los trabajos presentados en las ediciones del Seminario de Investigación en Periodismo de Investigación de la Asociación Brasileña de Periodismo de Investigación (Abraji), de 2014 a 2024, para identificar convergencias con estudios recientes de cobertura periodística de la plataforma, un fenómeno explicado por la alta dependencia de las *Big Tech*. *Platform Beat* o la cobertura de plataformas tiene potencial como una especialización del periodismo de vigilancia, desafiando dependencias estructurales y financieras y una cierta tradición de periodismo de investigación en Brasil, que puede mirar objetivos distintos a casi exclusivamente el sector público, corrupción y crimen. La investigación realizada permite discutir la cobertura de las plataformas desde el punto de vista de aspectos conceptuales, experimentación con métodos digitales nuevos e interdisciplinarios, formación, regulación, fuentes y diversidad.

Palabras clave: *platform beat*. Periodismo de vigilancia. Periodismo de investigación. abraji. agenda de investigación.

Introdução

A especialização da cobertura e o desenvolvimento dos métodos de apuração vêm acontecendo à medida que mudanças sociais e tecnológicas demandam novas formas de organização do jornalismo. A observação detida do chamado jornalismo de vigilância (*watchdog journalism*) torna perceptível o quanto, idealmente, ele se aprimorou ao mesmo tempo em que também forçou a melhoria dos sistemas democráticos nas sociedades modernas.

O jornalismo investigativo, nesse contexto, tem alta especialização na cobertura do poder, principalmente quando ele “sobe à cabeça”, como se diz popularmente. Exemplo desse constante aperfeiçoamento é como os profissionais setorializados, em



especial os brasileiros, aprenderam – ou espera-se que tenham aprendido – a se aliar à desconfiança na cobertura do chamado jornalismo sobre investigações³.

Do ponto de vista tecnológico e formativo, o profissional que atua na reportagem investigativa, tão logo incorporou aspectos computacionais em suas rotinas, com o que ficou conhecido inicialmente como a Reportagem Assistida por Computador (RAC), precisou lidar com grandes bases de dados; raspagem, limpeza e visualização de dados; uma cultura de informações públicas abertas, prestações de contas públicas e tantos outros aspectos da pauta *accountability*.

A partir desse contexto, este artigo discute o que se acredita ser uma potencial e já evidente onda de especialização do jornalismo investigativo: a *Platform Beat* (Napoli, 2021), cobertura das plataformas, em alusão às *Big Tech*⁴. De modo geral, trata-se de denunciar os impactos sociais da chamada plataformização (Van Dijck, Poell, Waal, 2018; Poell, Nieborg, Dijck, 2020; D'Andréa, 2020).

Este artigo tem como objetivo propor, a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa, de caráter documental e bibliográfico, feita nas últimas dez edições dos anais dos Seminários de Pesquisa da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), uma agenda de pesquisa – e indiretamente *insights* para a prática profissional – sobre a cobertura das plataformas.

Acredita-se que a investida se justifica por uma clara necessidade de especialização dessa área, por ela estar em uma zona transversal de uma série de outras “editorias” (como economia, política, sociedade, tecnologia, mídia, entre outras) e se relacionar com uma atividade econômica que promove transformações significativas e impactos na vida social e política em âmbito global.

³ Jornalismo sobre investigações é aquele em que, diferente do jornalismo investigativo, a apuração não é conduzida por instituições jornalísticas, em geral quando se trata de investigação policial ou processo judicial. Inflado por um discurso anticorrupção defendido pelos veículos jornalísticos e como parte da busca por um reconhecimento profissional (Melo, 2022), o caso da operação Lava Jato escancarou o uso excessivo de vazamentos de informações no noticiário em detrimento à investigação propriamente jornalística.

⁴ Conforme Birch e Bronson (2022), *Big Tech* nomeia uma configuração específica talvez ainda emergente do capitalismo tecnocientífico contemporâneo sustentado pelo monopólio e pelo poder de mercado representado pelas corporações multinacionais que dominam o setor de tecnologia da informação, de dados, de serviços de armazenamento e de mídias sociais. Por conta da cobertura jornalística, também são conhecidas como *Tech Giants*, *Big Five* ou *GAFAM*, um acrônimo para Google (o nome comercial da *Alphabet*), *Amazon*, *Facebook* (agora, oficialmente *Meta*), *Apple* e *Microsoft*. Além dessas, *Big Tech* abrange, ainda, as sediadas na China, como *Alibaba*, *ByteDance* (proprietária da *TikTok*), *Tencent*, dentre outras.



Um exemplo tangível do que vem a ser essa cobertura das plataformas foi a necessidade de contextualização e das implicações do alinhamento das *Big Tech* com o segundo governo Donald Trump, nos EUA, escancarada em sua cerimônia de posse, em 20 de janeiro de 2025. Nela, estiveram presentes em posição de destaque CEOs do *X* (também financiador da campanha), *Meta* (que alterou políticas da plataforma, tornando-as mais conservadoras, na mesma semana), *TikTok* (que enfrentou decisão judicial se fiando na posse de Trump), além dos presidentes da *Alphabet/Google*, *Amazon*, *Apple* e *OpenAI*. Quanto à *Amazon*, seu proprietário Jeff Bezos, também dono do *The Washington Post*, anunciou em 26 de fevereiro de 2025 que a seção de opinião do jornal não vai mais ser pautada pela pluralidade de visões. A orientação agora é que o jornal privilegie pautas relacionadas às “liberdades pessoais” e ao “livre mercado”⁵.

Também faz parte da área de cobertura das plataformas o esforço jornalístico de compreender e noticiar o cenário de desordem informacional, a desinformação, além da radicalização, que têm gerado impactos sociais, políticos e econômicos e são partes do que também são as mídias sociais. Importante observar que *Platform Beat*, como tema de pesquisa, integra os estudos sobre o próprio processo de plataformização do jornalismo, um dos setores da sociedade mais impactados pela lógica de atuação das *Big Tech* (Barbosa; Firmino da Silva; Lima, 2024; Bell, 2016, 2017; Canavilhas; Garcia-Orosa, 2024; Jurno; D’Andréa, 2020; Munoriyarwa et al., 2025; Nielsen; Cherubini, 2022; Nielsen; Ganter, 2022; Papaevangelou, 2024; Poell; Nieborg; Duffy, 2022, 2023; Poell; Nieborg; Dijck, 2020; Rashidian et al., 2019; Van Dijck; Poell; Wall, 2018). Nesse contexto, a plataformização vai nomear, ainda, o sexto e atual estágio de desenvolvimento e transformação gradual do jornalismo no entorno digital (Barbosa, 2025; Barbosa; Daros, 2024).

A ideia de *Platform Beat* incentiva repórteres a se infiltrar ainda mais em grupos radicais que burlam ou se aproveitam de políticas frouxas de moderação das mídias sociais; deve exigir maior compreensão da comunidade de profissionais das notícias para métodos como engenharia reversa (Diakopoulos, 2014), capitalismo de vigilância, governança algorítmica, regulamentação das plataformas (um imbróglio na pauta legislativa brasileira), dataficação, a característica opaca atribuída aos mecanismos de

⁵ Em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/feb/26/jeff-bezos-washington-post-opinion>. Acesso em: 28 Fev.2025.



funcionamento dessas companhias, Inteligência Artificial Generativa (IAG) e tantos outros temas relacionados.

O artigo está estruturado em cinco partes, além desta seção introdutória. No tópico seguinte, são apresentadas as discussões sobre a cobertura de plataformas para, logo em seguida, abordar a estrutura metodológica do estudo exploratório realizado. A descrição de destaques da amostra é feita na seção quatro e a apresentação da discussão sobre a agenda de pesquisa antecede as considerações finais.

Jornalismo Investigativo e a cobertura das plataformas

O escândalo do *Facebook Papers* teve início em setembro de 2021, quando um consórcio de organizações de notícias, liderado pelo *The Wall Street Journal* (EUA), revelou que a empresa enfrentava graves problemas de segurança e proteção de dados dos usuários. A partir da análise de documentos internos com uma ex-gerente de integridade cívica da rede social, o público descobriu que, internamente, a agora *Meta* priorizou o crescimento da plataforma em detrimento da segurança e da privacidade dos dados de seus milhões de usuários espalhados pelo mundo.

Como muitos dos exemplos recentes de jornalismo investigativo com grande impacto e repercussão, o *Facebook Papers* foi baseado em colaboração, incluindo a rede de televisão *CBS*, a agência de notícias *Reuters*, veículos especializados em tecnologia como *The Verge* e *Gizmodo*, entre outros. Veículos de várias partes do mundo colaboraram. No Brasil, *Núcleo Jornalismo*, *Agência Pública*, *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo*, *The Intercept Brasil* e outros produziram reportagens⁶ com base no material vazado. O caso do *Facebook Papers* é um bom exemplo da relação entre jornalismo investigativo e a cobertura de temas com impacto social e interesse público ligados às plataformas de tecnologia.

Para além desse caso e de coberturas pontuais, veículos e profissionais se especializam em cobrir as *Big Tech*. O *The Markup* (EUA) é uma organização sem fins lucrativos de jornalismo investigativo, cujo primeiro *slogan*⁷ era “Big Tech Is Watching You. We’re Watching Big Tech”. O *Núcleo Jornalismo*, *startup* brasileira, tem se apresentado como “uma iniciativa que cobre o impacto das redes sociais e de

⁶ O *Núcleo Jornalismo* reuniu uma série de reportagens de diferentes veículos com base no *Facebook Papers* no link nucleo.jor.br/fbpapers/. Acesso em 27 fev. 2025.

⁷ Atualmente o *slogan* de *The Markup* é “Challenging technology to serve the public good.”



inteligência artificial nas vidas das pessoas, a partir da intersecção entre jornalismo e tecnologia”⁸.

Embora um conceito em disputa⁹, a leitura dos anais das edições do Seminário de Pesquisa da Abraji permite entender o Jornalismo Investigativo como toda produção que é resultado de uma investigação aprofundada, por vezes com uso de técnicas e métodos não convencionais. Nesse tipo de jornalismo, o próprio jornalista atua ativamente na busca direta por evidências e informações de interesse público que estão sendo intencionalmente ocultadas da população. O trabalho não se limita a simplesmente reproduzir informações fornecidas por fontes externas.

Já *Platform Beat*, nesse trabalho, e de acordo com Napoli (2021), é como entende-se uma vertente do jornalismo contemporâneo que se dedica a investigar o funcionamento das organizações de plataformas digitais e motores de busca. Essa especialização visa denunciar aspectos irregulares do funcionamento das plataformas, tais como usos ilegais ou que vão contra as regras das comunidades das redes sociais e motores de busca, os impactos e manobras dessas empresas na vida socioeconômica e as relações das plataformas com a própria indústria de mídia, incluindo o combate às chamadas *fake news*.

A cobertura das plataformas se mostra como um novo e promissor capítulo da missão do jornalismo como *watchdog*, ou seja, como agente de vigilância da esfera pública e dos assuntos de interesse público que afetam os sistemas democráticos. As plataformas são responsáveis por uma nova estruturação da esfera pública (Habermas, 2023). Partindo então dessa premissa, que se as plataformas são hoje uma nova forma de poder (Helberger, 2020; Napoli; Caplan, 2018) que é exercido socialmente, cabe ao jornalismo vigiá-lo, como já faz com outros.

Nesse contexto, Napoli (2021) avalia a capacidade da *Platform Beat* em aumentar a responsabilidade pública das e a confiança nas plataformas. Ele compreende que são elementos complicadores e de conflitos as dinâmicas institucionais e as características tanto do setor de notícias quanto do de tecnologia. O

⁸ Disponível em <https://nucleo.jor.br/sobre/>. Acesso em 24 mar. 2024.

⁹ Há diferentes visões sobre jornalismo investigativo nos artigos dos anais. Há menções nos artigos sobre como, ao longo dos anos, houve diferentes apropriações do termo no Brasil, sendo associada, por exemplo, à grande reportagem, ao jornalismo policial (pela retórica de “desvendar mistérios”) e à cobertura de escândalos políticos (pelo papel do cão de guarda). Para alguns, toda prática jornalística é investigativa. Para outros, é um tipo específico, diferenciado pela metodologia, profundidade, tempo de apuração, busca proativa e pluralidade de fontes. Tornou-se unânime que é uma prática que contrasta com o jornalismo sobre investigações de outros órgãos.



autor conclui, com uma visão otimista, que as notícias podem impactar o que parecem ser os principais desafios dos nossos tempos: implicar um senso de *accountability* nas plataformas com a conscientização do público em relação aos seus funcionamentos.

Sem assumir um tecno-pessimismo ou tecno-determinismo, parece evidente a necessidade de abandonar o olhar unicamente entusiasta sobre os benefícios das mídias sociais para jornalistas e sociedade, que dominou os primeiros estudos que relacionam práticas jornalísticas com a ascensão das mídias sociais (Lewis; Molyneux, 2019).

Metodologia

Este artigo apresenta os resultados de uma metapesquisa exploratória que utiliza as dez edições disponíveis¹⁰ dos anais do Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo – evento que integra, desde 2014, o Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Abraji – para levantar tópicos e discussões de interesse para proposição de uma agenda de pesquisa na área de *Platform Beat*, com um viés dos estudos e do mercado do jornalismo brasileiro. Assim, trata-se de um levantamento bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa (Creswell, 2007; Ferreira, 2002; Fuentes Navarro, 2019).

A extração dos 100 primeiros artigos disponíveis no site foi feita de forma manual. As leituras, codificação, sistematização e organização visual da base de dados foram feitas através da versão 23 do software *Atlas.ti*, com destacamento de aspectos estruturais e padronizados dos artigos (título, resumo, palavras-chave, informações dos autores e referências), de aspectos metodológicos e dos resultados de esforços de agrupamento de áreas e temáticas de interesse das comunicações apresentadas nas edições anteriores do seminário. Os dados extraídos do *Atlas.ti* foram posteriormente “limpos”, padronizados e estruturados em uma planilha.

Parte da pesquisa foi apresentada e discutida na edição de 2023 do evento. As duas últimas edições do seminário (2023 e 2024, com 11 artigos no total), foram incorporadas ao *corpus* de análise posteriormente, com a atualização da planilha já existente. Assim, totalizaram 111 comunicações analisadas. O conjunto de documentos

¹⁰ Anais do evento disponível em seminario.abraji.org.br/anais/. Acesso em 08 mar. 2025.



analisados e um arquivo .CSV com parte da análise estão disponíveis no endereço bit.ly/pesquisa_abraji¹¹.

Sendo um evento acadêmico altamente segmentado, que em 2025 chega a sua décima segunda edição (portanto, consolidado no calendário) e por ser organizado pela principal associação de jornalismo investigativo do país, tomamos os artigos analisados como importantes balizadores de discussões relevantes para o amadurecimento do campo, servindo, assim, de faróis para pesquisas futuras.

Os anais da edição de 2022 do evento não foram localizados no site. A organização do evento chegou a indicar, em 2023, a necessidade de recuperação e divulgação dos arquivos, o que não foi feito. Um documento¹² apenas com títulos, autores e filiações foi recuperado do site pelos pesquisadores. Por ele, há indicações de trabalhos com forte potencial de colaboração para a discussão do presente estudo, tais como “De olho nos algoritmos: reportagens investigativas sobre os sistemas de decisões automatizadas que afetam a vida de todos nós”, de autoria de Krishma Carreira. Solicitamos acesso ao texto original citado, mas não obtivemos resposta.

Quanto à análise, a planilha e a organização no próprio *software* acadêmico permitiram repetidas leituras dinâmicas das comunicações, guiadas por termos de maior recorrência, aspectos ligados aos interesses da presente pesquisa (a relação do jornalismo com as plataformas) e pelos elementos textuais padrões das comunicações, tais como resumo, declaração de procedimentos e escolhas metodológicas, discussões, considerações e conclusões. A organização e a leitura das últimas duas edições analisadas, 2023 e 2024, foram feitas de forma manual e com o objetivo de atualizar e ampliar – para a submissão do estudo a esta revista – a base da pesquisa inicialmente realizada e discutida na edição 2023 do seminário da Abraji.

Vale sublinhar que a análise qualitativa não se limitou aos elementos pré-textuais e de identificação dos artigos, mas se aprofundou na busca por reforços e evidências nos textos completos de cada unidade de análise.

¹¹ O link com a base de dados, bit.ly/pesquisa_abraji, foi disponibilizado para incentivar pesquisas futuras que desejem usar a mesma base.

¹² Trabalhos do IX Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo: https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/7c736537-8c2f-4524-b486-fb5f79bb83eb/IX_Semin_rio_de_Pesquisa_em_Jornalismo_Investigativo_Resumos_cient_ficos_selecionados.docx.pdf. Acesso em 09 abr. 2023.



A pesquisa em jornalismo investigativo: um sobrevoo

Este estudo explorou exatos 111 artigos disponíveis nos anais do Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo da Abraji. A amostra está distribuída em onze anos, entre 2014 e 2024, mas há uma lacuna de um ano pela indisponibilidade dos anais de 2022, conforme a *Tabela 1*. O que se segue é um esforço de descrição desse conjunto de pesquisas para fins de associação com o tema principal: a cobertura das plataformas como parte do jornalismo investigativo.

Tabela 1: Distribuição por ano dos artigos analisados

ANO	ARTIGOS DISPONÍVEIS
2014	9
2015	14
2016	13
2017	14
2018	13
2019	15
2020	15
2021	7
2022	0
2023	5
2024	6
TOTAL	111

Fonte: Elaboração própria.

Nossa amostra se concentra no que os organizadores denominam por estudos inéditos, o que exclui outras formas de participação no seminário destinadas aos estudantes de graduação. Nessa categoria que pesquisamos, são selecionados, de modo anonimizado, artigos científicos completos escritos por mestres/as, doutorandos/as ou doutores/as. A cada ano, o edital enumera alguns temas, que se repetem em muitas edições, e estão na interface da teoria, ensino e prática do jornalismo investigativo e suas nuances.

Um resumo geral dos documentos permite indicar que eles analisam desde o impacto da tecnologia e da desinformação nas práticas jornalísticas até as questões de segurança e ética enfrentadas pelos jornalistas. Alguns artigos focam no uso de dados e novas ferramentas digitais, enquanto outros examinam a importância da



transparência pública e do acesso à informação. Além disso, há uma consideração sobre a representação de grupos minoritários e as subjetividades presentes na produção de reportagens investigativas. Questões de financiamento, inovação pedagógica e proteção legal também são discutidas, buscando aprimorar a prática do jornalismo investigativo no cenário contemporâneo. Um tema transversal é a análise das relações entre jornalismo, poder e sociedade, com foco na *accountability* e na fiscalização do setor público.

Embora a presente pesquisa não tenha caráter bibliométrico, tampouco semântico, acredita-se que a recorrência de expressões seja uma forma pertinente de entrada na amostra para compreendê-la. Optou-se por não se destacar quantitativamente os termos, sendo mais importante entender a posição e as relações entre eles.

Assim, o primeiro resultado que se sobressai é: para além das palavras que mais obviamente confluem com o evento (“jornalismo”, “investigativo” e derivações), a expressão “dados” está no topo de quase todos os elementos textuais dos artigos (palavras-chaves, títulos e resumos). Ela aparece de forma isolada e também combinada com expressões como “públicos”, “visualização”, “guiado por”, além da qualificação “jornalismo de dados”. Há, assim, uma forte correlação (qualitativa, não necessariamente estatística) entre a pesquisa de jornalismo investigativo dessa comunidade ligada à Abraji com os temas e com as pesquisas em jornalismo de dados. Mostra-se, então, um reforço do nosso argumento de aproximação entre o campo do jornalismo investigativo, já fortemente inclinado para a análise de dados, e a cobertura das plataformas, que, conforme é amplamente reconhecido, está fortemente associada à cultura da dataficação e cujo escrutínio passa também por esse método de apuração. Outras associações recorrentes nas palavras-chaves são a “Lei de Acesso à Informação Pública (LAI)”, sancionada em 2011 e que aparece com destaque pelo menos uma vez em cada edição do evento; e a palavra “pública”, também de forma combinada com as ideias de “comunicação”, “informação”, “transparência” e “Agência [Pública]” (o veículo de jornalismo investigativo). O termo “reportagem” também mostra sua força como gênero jornalístico nessa área.

Recortando a observação pelos títulos, as recorrências mantêm certa proximidade com o olhar geral, mas há destaque para aspectos metodológicos como “análise” e “caso”, além de despontar um claro interesse na “prática” (termo também



relevante nos resumos), o que também é reforçado pela ideia de “cobertura” como uma palavra em evidência.

Analisar esses termos sugere que as pesquisas se concentram na produção de reportagens com investigações guiadas por dados, impulsionadas ou ancoradas pela LAI e com grande interesse, consequentemente, no poder público e que reflete a prática através de análises (de conteúdo, principalmente, mas também documental) e de casos. A *Agência Pública*, veículo de nicho na área, é um *case* ou tem menções recorrentes nesses elementos textuais que mencionamos, bem como veículos *mainstream* de referência como o *Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo* e *O Globo* e menções pontuais de alguns muitos veículos que são identificados pelos pesquisadores/as como produções locais.

Quanto às temáticas, fica claro que há equilíbrio entre preocupações teóricas e práticas, além de pedagógicas com relatos de experiências laboratoriais que incluem estudantes de graduação em Jornalismo. É evidente o alerta para aspectos éticos e jurídicos nos documentos, além de uma interseccionalidade de pesquisa com aspectos de gênero (feminino) e destaque para coberturas setoriais: política (corrupção principalmente), saúde e meio ambiente.

Ainda por esse olhar panorâmico do *corpus*, ao concentrar a observação na área de interesse deste estudo – a relação do jornalismo investigativo com a cobertura das *Big Tech* e tópicos associados – é possível afirmar que o único fenômeno diretamente ligado a esse universo que é proeminente entre os artigos é o da “checagem de informações/*fact-checking*”, que entendemos ser um esforço de combater um problema que, na dimensão atual, está associado ao poder de concentração de grandes bases de usuários das empresas de mídias sociais.

As *Big Tech*, nesse *corpus*, aparecem muito mais frequentemente associadas às ferramentas usadas pelos jornalistas para apuração (e até mesmo pelos próprios pesquisadores/as), como espaço de circulação, colaboração e de discussões sobre os trabalhos jornalísticos e, em menor proporção, como “espaço” da esfera pública para ser coberto.

O levantamento revela que as principais preocupações do campo estão na cobertura dos três poderes, com olhar neutro ou entusiasta sobre as *Big Tech* e suas funções – são pontuais os vieses críticos (aparecem mais quando se trata de



desinformação) –, mas evidencia que as *Big Tech* nessas pesquisas são, quase sempre, meios, nunca alvo das investigações em si.

A discussão sobre as chamadas *fake news* aparecem com força a partir da edição de 2018 do evento, com apontamentos para a necessidade de regulamentação das plataformas e os impactos possíveis em contextos políticos, como a eleição de políticos de extrema direita. Há uma breve menção para a necessidade de colaboração entre jornalistas nesse tipo de cobertura.

Paralelos para uma agenda de pesquisa

A pesquisa que relaciona o jornalismo com as mídias sociais (Lewis; Molyneux, 2019) frequentemente destaca aspectos infraestruturais, de formatos noticiosos (ou maliciosamente manipulados), a participação e a colaboração pública e as oportunidades que as notícias encontram de se manter relevantes na esfera pública.

Aqui, partimos do pressuposto que investigar as plataformas, seus funcionamentos e os impactos sociais de suas decisões empresariais e algorítmicas é uma importante oportunidade de ampliar a importância do jornalismo no cenário democrático global e, consequentemente, municia a comunidade científica na renovação e na busca por contribuições para os estudos do jornalismo investigativo.

Abaixo, são destacadas algumas possíveis abordagens que podem pautar a pesquisa na cobertura de plataformas, a partir da leitura e inspiração em tópicos levantados e cujos paralelos foram traçados com o jornalismo investigativo, acreditando que esse seja um termo e uma área de pesquisa guarda-chuva para abrigar a ideia de *Platform Beat*.

Discussão conceitual e metodológica. Entende-se que a *Platform Beat* está contida na discussão do jornalismo investigativo. Mas vale considerar que as próprias pesquisas dos anais do Seminário de Pesquisa da Abraji preservam disputas teóricas sobre os limites, fronteiras e conceitos do jornalismo investigativo, inclusive quanto aos reais contornos entre a reportagem tida como de praxe e rotineira das redações e àquelas que ganham um selo de investigativa.

Essas discussões apontam a necessidade de maior aprofundamento e construção teórica-conceitual sobre a cobertura das *Big Tech*, a observação dos atravessamentos de tantos outros setores ou editoriais e servem de base para uma



separação amplamente documentada nos anais da Abraji entre o jornalismo investigativo e o jornalismo sobre investigação.

Assim, é importante uma agenda de pesquisa capaz de distinguir as reportagens nas ou pelas mídias sociais das reportagens investigativas sobre as *Big Tech* que controlam essas mídias. As primeiras teriam as mídias sociais como praça pública, cobrem discursos, ações e eventos que acontecem nas ou pelas redes; enquanto a segunda categoria tem como foco a implicação direta das plataformas e o escrutínio da governança algorítmica.

Observou-se que as pesquisas discutidas no âmbito do Seminário de Pesquisa da Abraji sofrem, em geral, da falta de diversidade ou exploração minuciosa de aspectos metodológicos que é quase que generalizado nos estudos da comunicação, o que inclusive já foi verificado na observação de outros eventos da área do jornalismo no Brasil (a exemplo de Machado; Rohden, 2016).

Inspirados na discussão metodológica de Steen Steensen e Oscar Westlund (2021) em suas proposições para os Estudos do Jornalismo Digital, acreditamos que *Platform Beat* e jornalismo investigativo desafiam a pesquisa e a prática jornalística em relação: 1) aos métodos científicos e de apuração jornalística quanto ao caráter interdisciplinar (a necessidade de buscar abordagens e soluções em outras áreas, especialmente nas áreas mais tecnológicas, por assim dizer); 2) a um equilíbrio entre criatividade e ceticismo na adoção de novos métodos e na busca por métodos digitais adequados.

Steensen e Westlund (2021), por exemplo, sugerem aprofundamentos e testes com a análise forense digital, a etnografia da tecnologia e estudos experimentais. Napoli (2021) e Diakopoulos (2014), por sua vez, propõem que jornalistas da área se aprofundem em engenharia reversa. Tal como encontramos nos anais do evento de pesquisa da Abraji, especialmente nas investigações focadas no jornalismo de dados, acreditamos que – na cobertura das plataformas – métodos, amostragens, técnicas de análises passam a ser um vocabulário que jornalistas e pesquisadores/as em jornalismo têm em comum por desafiar, como afirmado antes, a opacidade como operam essas plataformas.

Formação. Deve ser uma tarefa árdua encontrar um jornalista da nova geração ou estudante de Jornalismo que não tenha, nos últimos anos, feito um treinamento do Programa *Google News Initiative* sobre o *Google Trend* e outros



recursos do *Google News Lab*, ou que não tenha se certificado com um curso rápido online do então *Meta Journalism Project*. Uma série de organizações de pequeno porte ou de jornalismo local foi ou tem sido capacitada por esses projetos. Muitas dessas capacitações ocorrem no próprio evento da Abraji, realizadas, muitas vezes, com investimento dessas empresas norte-americanas e do *TikTok*, nos últimos anos.

Além de ações de relações públicas, as *Big Tech* investem fortemente em formação para uso de suas ferramentas. Tais recursos, tecnologias e programas de financiamento são classificados como ativos de fronteira (Birch; Bronson, 2022), que promovem e facilitam o acesso ao ecossistema digital sob o controle das plataformas. E vai resultar no processo de captura do jornalismo pelas *Big Tech* (Barbosa, 2025; Papaevangelou, 2024; Simon, 2022).

Vale ressaltar que uma preocupação frequente das pesquisas nos anais da Abraji é com a formação de um melhor jornalismo investigativo. Dito isso, a agenda de pesquisa em *Platform Beat* aqui proposta deve considerar não apenas a necessidade clara de capacitação dos profissionais para essa cobertura altamente segmentada, mas também onde, quem e com quais discursos certas capacitações ocorrem. O papel das universidades, especialmente em produtos laboratoriais e a produção de protocolos e modos de estruturação de pautas, que já é uma discussão vista no campo do jornalismo investigativo, deve manter-se e se diversificar em abordagem.

Nesse campo formativo, os anais de 2024 fazem breve menção sobre a necessidade de educação midiática, novamente associando os impactos negativos das plataformas com a desinformação.

Marcos regulatórios e relação com o poder público. A Lei 12.527/2011 é considerada um marco importante no Brasil para a prática e, consequentemente, para os estudos do jornalismo investigativo. A regulamentação do acesso à informação pública estruturou a prática e alavancou o trabalho de jornalistas brasileiros com o tratamento de dados públicos, de acordo com o que é possível inferir dos trabalhos discutidos pelo seminário da Abraji. As políticas governamentais, portanto, podem afetar significativamente a cobertura das plataformas digitais.

O acompanhamento pela imprensa de regulamentações das atividades das plataformas em todo o mundo, mas também no Brasil, deve se constituir um importante espaço de discussão acadêmica em relação aos enquadramentos, ao uso de fontes, à identificação de *lobbies*, dentre outros aspectos. Como o *PL das Fake News*



foi retirado da pauta na Câmara dos Deputados, em 2023, desde então aguarda-se pela aprovação da lei que poderá vir a regulamentar as atividades das plataformas no Brasil.

Para os jornalistas, mesmo na cobertura tradicional, vale atenção para aspectos políticos desse processo de regulamentação, mas também a relação das plataformas com os governos, partidos políticos e contratos firmados com o poder público (não apenas em âmbito nacional), além da relação amplamente explorada entre a atuação das plataformas e o constante enfraquecimento da política democrática (Crilly; Gillespie, 2019). Diante da alta especialização que o jornalismo investigativo brasileiro tem na cobertura política, acredita-se que ampliar esse olhar para as relações com as plataformas é algo não apenas possível, mas necessário.

Acesso às fontes. O jornalismo investigativo guiado por dados é apresentado nos anais do seminário de forma ilustrativa com casos em que fontes documentais serviram para superar o impedimento ou dificuldades impostas por fontes institucionais. Essa condição, junto com a característica das plataformas em operar como uma caixa-preta, parece atualizar o desafio da cobertura das plataformas. Mantém-se a apuração em documentos, que se diversificam não apenas em acesso possível de grandes bases de dados e vazamento de documentos organizacionais, mas podendo também incorporar patentes, linhas de códigos e até inteligência artificial generativa (IAG).

Os/as pesquisadores/as podem investigar como os jornalistas passam a lidar com essas fontes, como verificam a autenticidade dos documentos e como podem continuar o objetivo de garantir a segurança das fontes, muitas delas sob forte vigilância e em empresas subcontratadas¹³. As discussões éticas e jurídicas também têm grande potencial de exploração na confluência dessas áreas.

Intersecção. Uma frequente preocupação das pesquisas em jornalismo investigativo é o aspecto da atuação das profissionais mulheres na área. Essa é uma atenção que deve manter-se, especialmente para apurar se a maior aproximação do jornalismo com a área de tecnologia interfere na presença feminina, sendo sabido que esse segundo setor ainda se mantém como altamente masculino. Quais as possíveis implicações disso para a cobertura? É necessária também maior aproximação de

¹³ O livro *A Máquina do Caos* (Fisher, 2023) é um bom exemplo de jornalismo investigativo que se baseia em depoimentos de funcionários e documentos vazados e demonstra esforço de proteção das fontes.



pesquisas que apuram vieses de aspectos raciais, de gênero e sexualidade em decisões algorítmicas, além de uma atenção da prática jornalística para pautar o modo como plataformas de mídia social vêm abrigando sexismo, racismo e xenofobia (Crilley; Gillespie, 2019; Fisher, 2023; Oliveira; Araujo, 2020). As pesquisas do seminário, inclusive, destacam em mais de uma edição como mulheres jornalistas são mais frequentemente alvo de ataques promovidos pelas redes sociais.

Outros aspectos. Não podem ser ignorados da agenda de pesquisa a discussão sobre a circulação de notícias, altamente dependentes das mídias sociais; os formatos que podem ser mais adequados para circular e comunicar com o público para que tenha maior consciência sobre o funcionamento das plataformas, inclusive com possíveis estudos de recepção que monitorem a percepção do público em relação à privacidade e segurança dos dados nas mídias sociais.

O tema da cobertura e do funcionamento da Inteligência Artificial também começa a ser apontado na última edição analisada do evento, em 2024.

Defende-se que, para além de entender formatos das mídias ou tipos de investigações que são publicados, é importante observar aquilo que não se publica, levando em consideração os fatores dificultadores: são apenas de ordem tecnológica ou de habilidades ou incluem coerções financeiras ou de parcerias de marketing?

Não se pode também ignorar as condições de trabalho dos/as jornalistas, considerados/as também profissionais plataformizados/as e que lidam com a intensificação da virtualização do trabalho (Silva, 2019). Tal situação também conduz para maior dependência das plataformas quanto às ferramentas de trabalho e de compartilhamento de informações com as equipes.

Como nas já correntes pesquisas do jornalismo investigativo, deve-se levar em consideração o jornalismo independente, colaborativo, *freelancer* e local e suas características, o que permitirá importantes perspectivas sobre os impactos da atuação global das *Big Tech* na vida cotidiana de pequenas cidades ou mesmo de pequenos negócios de mídia. Inclusive, o jornalismo local é apontado como um dos mais fragilizados na possibilidade de negociação financeira com as plataformas (Mota; Barbosa, 2023; Barbosa, 2025). Diante disso, é importante que pesquisadores/as monitorem e organizações independentes ou públicas incentivem a cobertura local dos impactos negativos gerados por empresas globais, a exemplo da dificuldade dos



poderes públicos municipais em regulamentar serviços como os de transporte individual e de hospedagem turísticas.

Por fim, também vale destacar: o estabelecimento de premiações no jornalismo investigativo se mostra um fator importante de qualidade e critério de observação da área de pesquisa, de modo que para a criação de selos ou categorias que fomentem especificamente a investigação das plataformas pode, mesmo que indiretamente, permitir aprendizado e um campo de exploração de pesquisa mais amplo.

É necessário fortalecer pesquisas que compreendam dimensões econômicas e suas influências na produção e no produto de maneira mais ampla e menos óbvias – como “se há dependência financeira, logo/por conta disso, há viés na cobertura”. É necessário aprofundar, se e até que ponto, a dependência financeira do setor de notícias tem desencorajado uma cobertura crítica das plataformas, especialmente no cenário nacional em que outras variáveis podem complexificar esse cenário: uma produção hoje muito orientada por números de audiência se interessa por essa cobertura? Discussões algorítmicas, por exemplo, são mesmo pautas prioritárias – ainda que não excludentes – diante de um país com grande desigualdade de acesso às tecnologias básicas?

Por outro lado, enquanto se acusa a mídia de não fazer uma cobertura crítica das plataformas, Napoli (2021) relata que o setor de tecnologia acusa os veículos de comunicação de fazerem uma cobertura que já é considerada por eles como excessivamente negativa. O setor diz que esse tom da cobertura seria um revanchismo ou resultado das pressões ou impactos financeiros das *Big Tech* no setor. Ou seja, há brechas para investigações aprofundadas sobre os vieses na cobertura e aspectos financeiros nesse ambiente que é completamente novo e, como vem sendo apontado por Zuboff (2021) e Morozov (2018), altera até mesmo as bases do sistema capitalista de um modo geral.

Discussão e considerações finais

O objetivo da pesquisa exploratória foi levantar tópicos de discussão relativos à pesquisa na área do jornalismo investigativo que tivessem conexão e permitissem estruturar uma agenda de pesquisa para o jornalismo que se especializa na cobertura das plataformas digitais, motores de busca e Inteligência Artificial. De modo qualitativo e tomando como princípio o levantamento de uma pesquisa bibliográfica e



documental, explorou-se os anais de dez edições do Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo da associação brasileira que atua na referida área, a Abraji.

Descobriu-se que é vasta a diversidade de temas, abordagens e vertentes que assume a pesquisa em jornalismo investigativo e que há certa confluência entre os estudos dos chamados jornalismo de “dados” e “investigativo”. Na amostra, por vezes parece haver uma clivagem ou um arredondamento dessas áreas. Preocupações éticas, da formação profissional, do tratamento das fontes, da legislação de acesso à informação pública, da cobertura dos poderes e de formatos e tipos de organizações são frequentemente expostas nos artigos disponíveis nos anais, sendo esses caminhos seguidos nessa investigação para levantar possíveis abordagens da cobertura de plataformas.

Para além da pesquisa, entende-se que é papel dos meios de comunicação e do jornalismo investigativo produzir informações que auxiliem a sociedade civil no processo de assumir um papel ativo frente a solução de problemas (Sousa; Rocha, 2022). Talvez esse seja o momento de alertar para a passividade da rolagem de *feeds* e entrega irrefletida de dados, do entendimento do funcionamento dessa economia, dos aspectos de impacto na saúde física e mental, principalmente no que se refere ao desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes.

Acreditamos que um resumo dos principais pontos dessa agenda de pesquisa, discutida neste artigo, seja:

1. Análise dos novos papeis do jornalismo de vigilância;
2. Aprofundamento teórico-conceitual, delimitando campos fronteiriços e transversais e distinguindo reportagens nas plataformas de investigações sobre elas;
3. Adoção de métodos digitais como análise forense digital, etnografia da tecnologia e engenharia reversa e reflexão sobre métodos interdisciplinares para redução da opacidade das plataformas que possam ser compartilhados por pesquisadores/as e jornalistas;
4. Desenvolvimento de técnicas para lidar com fontes documentais: bases de dados, documentos vazados, patentes, códigos e IA generativa;
5. Análise crítica das formações de jornalistas promovidas pelas próprias *Big Tech* e avaliação do papel das universidades na capacitação de profissionais para cobertura especializada de plataformas;



6. Acompanhamento dos marcos regulatórios e relações das plataformas com governos, com casas legislativas e contratos com o poder público;
7. Investigação da participação feminina na cobertura das plataformas e análise de vieses de raça, gênero e sexualidade em decisões algorítmicas das plataformas;
8. Estudo da dependência da circulação de notícias e proposição de alternativas; assim como discussão de narrativas adequadas para comunicar o funcionamento das plataformas e educação midiática para o novo contexto plataformizado;
9. Investigação da cobertura sobre a Inteligência Artificial;
10. Estudo organizacional sobre jornalismo independente, colaborativo, *freelancer* e local sob o viés da plataformização, especialmente quanto à fragilidade na negociação financeira;
11. Identificação de fatores que impedem publicações sobre as plataformas, como limitações tecnológicas, coerções ou crises financeiras, parcerias de marketing e dificuldade de produção local;
12. Análise das condições de trabalho dos/das jornalistas sob os regimes plataformizados e da virtualização do trabalho;
13. Estabelecimento de premiações específicas para fomentar a investigação das plataformas; e
14. Análise de possíveis vieses na cobertura e das acusações mútuas entre os setores de tecnologia e notícias.

No próprio evento, em 2023, esta pesquisa foi questionada sobre como a cobertura de plataforma se diferencia da cobertura de empresas privadas. Retornando para nossa base dos anais, identificou-se como até a própria cobertura investigativa do setor privado no Brasil está altamente ligada à cobertura política e do setor público, visto que é feita quase sempre ligada ao tema da corrupção, com dados da LAI e outros de prestação de contas públicas. Pesquisas futuras, portanto, devem avançar na necessidade de posicionar as *Big Tech* não como simples empresas privadas, mas como focos de poder, com mecanismos de funcionamento próprio, abrangendo, assim, as dimensões econômica, tecnológica e ideológica.

Como uma pesquisa exploratória, são muitas as limitações desse estudo, tal como as oportunidades de amadurecimento. Além desses artigos, acreditamos que olhar as temáticas de oficinas e palestras do Congresso em que o seminário está inserido é outra



forma de levantar aspectos da prática que se conectam ao desafio de se investigar as plataformas.

Referências

BARBOSA, Suzana. Between a rock and a hard place. Big Tech's capture of journalism in a post-convergente context. EmIn: MESO-AYERDI, Koldobika; LARRONDO, Alnara; PEÑA FERNÁNDEZ, Simón (org.). **Redefining Journalism: From Global Challenges to the New Digital Frontiers of the Future**. Cham: Springer, 2025. (No Prelo).

BARBOSA, Suzana; DAROS, Otávio. Digital journalism in Brazil: A history of diversity in products and research. EmIn: TÓFALVY, Tamás; VOBÍĆ, Igor (org.). **Histories of Digital Journalism: The Interplay of Technology, Society and Culture. Routledge research in journalism**. Londres: Routledge, Taylor & Francis Group, 2024. p. 194–208.

BARBOSA, Suzana; FIRMINO DA SILVA, Fernando; LIMA, Luciellen Souza. The Internet of Things and Its Impact on the Platformization of Journalism. EmIn: SIXTO-GARCÍA, José; QUIAN, Alberto; RODRÍGUEZ-VÁZQUEZ, Ana-Isabel; SILVA-RODRÍGUEZ, Alba; SOENGAS-PÉREZ, Xosé (org.). **Journalism, Digital Media and the Fourth Industrial Revolution**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2024. p. 111–123. DOI: 10.1007/978-3-031-63153-5_9.

BELL, Emily. Facebook is eating the world. **Columbia Journalism Review**, 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/analysis/facebook_and_media.php. Acesso em: 01 mai. 2025.

BELL, Emily. Facebook and the press: The transfer of power. **Columbia Journalism Review**, 2017. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center/facebook-and-the-press-the-transfer-of-power.php. Acesso em: 10 mar. 2025.

BIRCH, Kean; BRONSON, Kelly. Big Tech. **Science as Culture**, v. 31, n. 1, p. 1–14, 2022. DOI: 10.1080/09505431.2022.2036118. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09505431.2022.2036118>. Acesso em: 01 mai. 2025.

CANAVILHAS, João; GARCIA-OROSA, Berta. Centralized Networks for Journalism in the Fourth Industrial Revolution: The Platform's Role. EmIn: SIXTO-GARCÍA, José; QUIAN, Alberto; RODRÍGUEZ-VÁZQUEZ, Ana-Isabel; SILVA-RODRÍGUEZ, Alba; SOENGAS-PÉREZ, Xosé (org.). **Journalism, Digital Media and the Fourth Industrial Revolution**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2024. p. 27–40. DOI: 10.1007/978-3-031-63153-5_3.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.



CRILLEY, Rhys; GILLESPIE, Marie. What to do about social media? Politics, populism and journalism. **Journalism**, v. 20, n. 1, p. 173–176, 2019. DOI: 10.1177/1464884918807344. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884918807344>. Acesso em 01 mai. 2025.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: Edufba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>. Acesso em: 01 mai. 2025.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Algorithmic Accountability: On the Investigation of Black Boxes. **Nova York: Columbia Journalism Review**, 2014. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/algorithmic_accountability_on_the_investigation_of_black_boxes.php/. Acesso em: 27 fev. 2025.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas de “estado da arte”. **Educação & sociedade**, v. 23, p. 257–272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em 01 mai. 2025.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina. **MATRIZES**, v. 13, n. 1, p. 27–48, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i1p27-48. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/156865>. Acesso em 01 mai. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2023.

HELBERGER, Natali. The Political Power of Platforms: How Current Attempts to Regulate Misinformation Amplify Opinion Power. **Digital Journalism**, v. 8, n. 6, p. 842–854, 2020. DOI: 10.1080/21670811.2020.1773888. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2020.1773888>. Acesso em 01 mai. 2025.

JURNO, Amanda; D'ANDRÉA, Carlos. Entre parcerias, infraestruturas e produtos: Facebook Journalism Project e a plataformização do jornalismo. **Brazilian Journalism Research - BJR**, v. 16, n. 3, p. 502–525, 2020. DOI: 10.25200/BJR.v16n3.2021.1306. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1306>. Acesso em 01 mai. 2025.

LEWIS, Seth; MOLYNEUX, Logan. Social Media and Journalism: 10 Years Later, Untangling Key Assumptions. **EmIn: 52ND HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES** 2019, Wailea. DOI:10.24251/HICSS.2019.311. Anais [...]. Wailea p. 2580–2589. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332086752_Social_Media_and_Journalism_10_Years_Later_Untangling_Key_Assumptions. Acesso em 01 mai. 2025.F



MACHADO, Elias; ROHDEN, Julia. Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo: Um Estudo dos Trabalhos Apresentados na SBPJor (2003-2007). **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, p. 228–245, 2016. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/828>. Acesso em 01 mai. 2025.

MELO, Seane. O oculto revelado: as matrizes discursivas do jornalismo investigativo no Brasil. 2022. **Tese** (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói (RJ), 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26273>. Acesso em: 27 fev. 2025.

MOROZOV, Evgeny; MARCONDES, Claudio. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: UBU EDITORA, 2018.

MOTA, Alexandre; BARBOSA, Suzana. Philip Nnapoli: é difícil imaginar uma instituição que precise mais de escrutínio constante do que as plataformas digitais. **Contemporânea**, v. 21, n. 3, p. 107–119, 2023. DOI: 10.9771/contemporanea.v21i3.57551. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/57551>. Acesso em: 01. mai. 2025.

MUNORIYARWA, Allen; DE-LIMA-SANTOS, Mathias-Felipe; MESQUITA, Lucia; ELEGA, Adeola Abdulateef. The philanthrocapitalism of Google News Initiative in Africa, Latin America, and the Middle East – Empirical reflections. **International Journal of Cultural Studies**, v. 28, n. 1, p. 56–79, 2025. DOI: 10.1177/13678779241265734. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13678779241265734>. Acesso em 01 mai. 2025.

NAPOLI, Philip; CAPLAN, Robyn. Por que empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 143–163, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/724>. Acesso em 01 mai. 2025.

NAPOLI, Philip M. The platform beat: Algorithmic watchdogs in the disinformation age. **European Journal of Communication**, v. 36, n. 4, p. 376–390, 2021. DOI: 10.1177/02673231211028359. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/02673231211028359>. Acesso em 01 mai. 2025.

NIELSEN, Rasmus Kleis; CHERUBINI, Federica. Born in the fire: What we can learn from how digital publishers in the Global South approach platforms: **Reuters Institute for the Study of Journalism**, 2022. DOI: 10.60625/RISJ-JXWZ-2347. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/born-fire-what-we-can-learn-how-digital-publishers-global-south-approach-platforms>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NIELSEN, Rasmus Kleis; GANTER, Sarah Anne. **The Power of Platforms: Shaping Media and Society**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2022.



OLIVEIRA, Amanda Nogueira De; ARAUJO, Nayra Veras De. Gênero e Tecnologias Infocomunicacionais em contexto de Plataformização. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 2, p. 165–178, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n2p165-178. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8760>. Acesso em 01 mai. 2025.

PAPAEVANGELOU, Charis. Funding Intermediaries: Google and Facebook's Strategy to Capture Journalism. **Digital Journalism**, v. 12, n. 2, p. 234–255, 2024. DOI: 10.1080/21670811.2022.2155206. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2022.2155206>. Acesso em 01 mai. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David B.; DUFFY, Brooke Erin. **Platforms and Cultural Production**. Medford: Polity Press, 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David B.; DUFFY, Brooke Erin. Spaces of Negotiation: Analyzing Platform Power in the News Industry. **Digital Journalism**, v. 11, n. 8, p. 1391–1409, 2023. DOI: 10.1080/21670811.2022.2103011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2022.2103011>. Acesso em 01 mai. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; DIJCK, José Van. Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2–10, 2020. DOI: 10.4013/fem.2020.221.01. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em 01 mai. 2025.

RASHIDIAN, Nushin; CIVERIS, George; BROWN, Pete; BELL, Emily; HARTSTONE, Abigail. **Platforms and Publishers: The End of an Era**. Nova York: Tow Center for Journalism | Universidade Columbia, 2019. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/platforms-and-publishers-end-of-an-era.php. Acesso em: 01 mai. 2025.

SILVA, Ana Flávia. A redação virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. 2019. **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2019. DOI: 10.11606/D.27.2019.tde-16022021-201705. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-16022021-201705/pt-br.php>. Acesso em 01 mai. 2025.

SIMON, Felix M. Uneasy Bedfellows: AI in the News, Platform Companies and the Issue of Journalistic Autonomy. **Digital Journalism**, v. 10, n. 10, p. 1832–1854, 2022. DOI: 10.1080/21670811.2022.2063150. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2022.2063150>. Acesso em 01 mai. 2025.

SOUSA, Verônica Maria; ROCHA, Heitor. Para além de investigações: Jornalismo Investigativo como propulsor de mudança nos fluxos de comunicação na esfera pública habermasiana. **EmIn: 45o CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 2022**, Joao Pessoa. Anais [...]. Joao Pessoa: Intercom, 2022. p. 1–15.



Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/364653301_Para_alem_de_investigacoes_Jornalismo_Investigativo_como_propulsor_de_mudanca_nos_fluxos_de_comunicacao_na_esfera_publica_habermasiana. Acesso em: 9 abr. 2023.

STEENSEN, Steen; WESTLUND, Oscar. **What is Digital Journalism Studies?** Londres: Routledge, 2021.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn De. **The Platform Society: Public Values in a Connective World.** New York: Oxford University Press, 2018.

ZUBOFF, Shoshana; SCHLESINGER, George. **A Era do Capitalismo de Vigilância.** 1a edição ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2021.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.